



**Laboreal**

Vol.19 N°1 | 2023

A atividade de trabalho no cerne dos novos desafios  
sociotécnicos da natureza e do ambiente

---

## Qual o limite da análise da atividade nas Ciências do Trabalho ? : Artigo-resposta à Lima, Ribeiro, La Guardia e Nagem (2020)

*¿Cuál es el límite del análisis de la actividad en las Ciencias del Trabajo ? :*

*Artículo-respuesta a Lima, Ribeiro, La Guardia e Nagem (2020)*

*Quelle est la limite de l'analyse de l'activité dans les Sciences du Travail ? :*

*Article-réponse à Lima, Ribeiro, La Guardia et Nagem (2020)*

*What is the limit of activity analysis in Work Sciences?: Article-response to Lima, Ribeiro, La Guardia and Nagem (2020)*

**Raoni Rocha**

---



### Edición electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/laboreal/20489>

DOI: 10.4000/laboreal.20489

ISSN: 1646-5237

### Editor

Universidade do Porto

### Referencia electrónica

Raoni Rocha, «Qual o limite da análise da atividade nas Ciências do Trabalho ? : Artigo-resposta à Lima, Ribeiro, La Guardia e Nagem (2020)», *Laboreal* [En línea], Vol.19 N°1 | 2023, Publicado el 13 julio 2023, consultado el 15 julio 2023. URL: <http://journals.openedition.org/laboreal/20489> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/laboreal.20489>

---

Este documento fue generado automáticamente el 15 julio 2023.



Creative Commons - Atribución-NoComercial 4.0 Internacional - CC BY-NC 4.0  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

---

# Qual o limite da análise da atividade nas Ciências do Trabalho ? : Artigo-resposta à Lima, Ribeiro, La Guardia e Nagem (2020)

*¿Cuál es el límite del análisis de la actividad en las Ciencias del Trabajo ? :*

*Artículo-respuesta a Lima, Ribeiro, La Guardia e Nagem (2020)*

*Quelle est la limite de l'analyse de l'activité dans les Sciences du Travail ? :*

*Article-réponse à Lima, Ribeiro, La Guardia et Nagem (2020)*

*What is the limit of activity analysis in Work Sciences?: Article-response to Lima, Ribeiro, La Guardia and Nagem (2020)*

**Raoni Rocha**

---

## NOTA DEL EDITOR

Manuscrito recebido em : 14.02.2023

Aceite após peritagem : 04.04.2023

## NOTA DEL AUTOR

**Nota de agradecimento :** Agradeço imensamente aos avaliadores e ao Comitê Editorial da revista Laboreal pela leitura cuidadosa e comentários extremamente pertinentes neste texto.

# 1. Introdução

- 1 Este texto apresenta uma reflexão sobre o artigo “Análise do Curso de Ação e do Projeto Antropocêntrico : contribuições para a concepção de sistemas automatizados”, publicado na revista *Laboreal*, em 2020, por Francisco Lima, Rodrigo Ribeiro, Marcelle La Guardia e Sabrina Nagem. O objetivo é estimular o debate científico a partir de uma revisão não exaustiva das contribuições e insuficiências do artigo, a fim de avançar na reflexão sobre os limites da análise da atividade no campo das Ciências do Trabalho.
- 2 Lima et al. (2020) desenvolvem uma crítica acerca da carência de base teórica nas abordagens da Ergonomia e das Clínicas do Trabalho (doravante denominadas “Ciências do Trabalho”), defendendo a necessidade da incorporação da Teoria do Curso da Ação (TCA) nos projetos de engenharia, notadamente naqueles de maior complexidade. Para isso, os autores analisam os critérios de julgamento de operadores de Pequenas Centrais Hidrelétricas, criando árvores de julgamentos que contribuiriam sobremaneira com os projetos de automação de salas de controle.
- 3 A crítica desenvolvida pelos autores tem a sua legitimidade. Parece, de fato, haver uma lacuna conceitual e metodológica em muitas pesquisas em Ergonomia no que se refere à análise da atividade. A corrente desenvolvida por Jacques Leplat, que contribuiu à difusão da Análise Ergonômica do Trabalho (AET), particularmente com a modelização da AET (Silva, 2006), acabou por se popularizar entre pesquisadores e consultores da área, embora apropriada de formas muito diferentes nas análises e frequentemente limitando-se a distinguir tarefa e atividade, estabelecer diagnósticos e prescrever recomendações. Concomitantemente, outros estudos se situam no seguimento da corrente desenvolvida pela equipe do Laboratório de Alain Wisner, notadamente por Antoine Laville, Catherine Teiger e Jacques Durrafourg (Laville et al., 1972), assim como os trabalhos da equipe de Jean-Marie Faverge na Universidade de Bruxelas (Faverge, 1966). Trata-se aqui de uma tradição que tornou evidente a centralidade, na *démarche* dos ergonomistas, da articulação da análise da atividade com o debate entre pesquisadores e trabalhadores envolvidos na intervenção. Jacques Theureau participou deste momento – essencial na história da ergonomia (Theureau, 2020) – mas preferiu dar outra ênfase aos processos cognitivos em jogo na evolução da atividade dos trabalhadores. O autor buscou, então, sistematizar a análise da atividade por meio da TCA, procurando entender o sentido da ação humana por intermédio da análise dos seus componentes, denominados por ele de signos tetrádicos e caracterizados por elementos do que o indivíduo traz consigo, o seu engajamento na ação, o que é levado em conta por ele na ação e a fração da atividade resultante. Com essa perspectiva, seria necessário acessar a consciência pré-reflexiva do sujeito em situação de trabalho, o que, por sua vez, permitiria conhecer a sua atividade cognitiva “por dentro”, respeitando a assimetria das interações e sinais que ele recebe do ambiente. Restituir o curso da ação consistiria, então, em identificar esses sinais para alcançar a perspectiva da construção dos significados na ação (Theureau, 2014).
- 4 Embora a corrente desenvolvida por Theureau tenha se preocupado com uma sistematização mais categórica da atividade, ela parece ter sido deixada de lado pelos estudos da Ergonomia francófona, possivelmente devido à sua complexidade teórica ou dificuldade de aplicação. Não são frequentes as pesquisas que se fundamentam na TCA, e menos ainda são aquelas que a apresentam de forma clara. Apenas recentemente, em

2020, surgiram dossiês específicos sobre o tema em periódicos científicos, como ocorreu nas revistas *Activités* e *Laboreal*.

- 5 Lima et al. (2020) destacam esse cenário e realizam uma reflexão oportuna sobre o tema. O argumento central utilizado, ao que me parece, é que as diferentes abordagens das Ciências do Trabalho podem eventualmente levar a transformações concretas do trabalho, mas não passam por uma formalização mais rigorosa da atividade real, deixando assim uma lacuna fundamental do ponto de vista de produção de conhecimento científico. Por essa razão, os autores mostram a necessidade de avanço em direção à uma formalização mais robusta de métodos de análise da atividade, principalmente em situações complexas, como em questões que envolvem interfaces organizacionais ou projetos tecnológicos, tais como sistemas automatizados e salas de controle. A TCA poderia, assim, cumprir esse papel.
- 6 Não obstante à pertinente reflexão trazida pelos autores, a crítica ao debate nas Ciências do Trabalho apresenta fragilidades, assim como a proposta de análise baseada na TCA mostrada no estudo de caso expõe inconsistências e contradições em relação ao argumento defendido pelos autores. Esses dois pontos serão melhor elaborados a seguir.

## 2. A crítica ao debate nas Ciências do Trabalho

- 7 Lima et al. (2020) questionam alguns métodos e abordagens das Ciências do Trabalho, tais como o Laboratório de Mudanças, a Clínica da Atividade, a Análise Coletiva do Trabalho (ACT), os Grupos de Encontro do Trabalho (GET) e os Espaços de Debate sobre o Trabalho (EDT), uma vez que fariam “economia de análises sistemáticas e aprofundadas da atividade de trabalho, privilegiando dispositivos de intervenção que incluem, de forma direta, metodologias de análise levadas a cabo pelos próprios trabalhadores” (p. 3). Os EDT, os GET e a ACT ainda aproximariam “a análise ergonômica dos espaços de expressão” (p. 3).
- 8 Os autores parecem, equivocadamente, generalizar a maneira como o debate se desenvolve em cada dessas abordagens, reduzindo-as a espaços de expressão. Não irei discutir aqui as muitas diferenças entre forma, conteúdo e objetivos do debate em cada uma delas, refletidas de forma pormenorizada em Rocha (2023). Contudo, ao fazer referência especificamente a pesquisa de Rocha (2015), os autores incorrem a equívocos cruciais, o que requer uma análise mais cuidadosa.
- 9 Lima et al. (2020, p. 3) afirmam que “Rocha (2015) anima os EDT com base em evidências registradas em fotos pelos eletricitistas o que, evidentemente, restringe as análises ao que pode ser percebido diretamente e fotografado” e que os EDT’s “fazem economia de análises sistemáticas e aprofundadas da atividade de trabalho, privilegiando dispositivos de intervenção que incluem, de forma direta, metodologias de análise levadas a cabo pelos próprios trabalhadores”.
- 10 É certo que toda análise baseada exclusivamente em fotografias irá restringir as possibilidades de compreensão da situação. Todavia, embora negligenciado por Lima et al. (2020), os EDT’s sempre estiveram em estreita articulação com análises das situação reais de trabalho. Na pesquisa que origina os EDT’s, Rocha (2014) lança mão de longa fase etnográfica, que buscou produzir um “conhecimento profundo do campo através de muitos meses de observação das atividades e entrevistas” (Rocha, 2014, p. 173,

tradução livre). Esse elemento fundamental do método está explícito, inclusive, na referência citada por Lima et al. (2020) : “o primeiro ano de pesquisa consistiu em uma análise do trabalho baseada em observações da atividade real e em entrevistas com os trabalhadores” (Rocha, 2015, p.119), etapa que posteriormente pôde alimentar a discussão no interior dos EDT’s. Avançar sobre o quão rigorosa foi essa análise, nessa e em outras pesquisas no campo das Ciências do Trabalho, pode ser um caminho importante para o desenvolvimento da Ergonomia da Atividade. Negligenciá-la, ou reduzir os EDT’s a espaços de expressão levado a cabo pelos próprios trabalhadores, indiferenciados em relação a outras abordagens, como fazem Lima et al. (2020), está muito distante da proposta original e não contribui com o avanço científico do assunto.

- 11 Ao mesmo tempo, os autores ignoram as contribuições históricas trazidas por abordagens que associam a análise do trabalho com o debate dos envolvidos ao seu respeito, o que já acontece, como discutido anteriormente, desde os anos 1960/1970, com Laville, Teiger, Duraffourg e Faverge, e que ganha recentemente outras formas (por ex. : Vasconcelos, 2013 ; Duarte & Vasconcelos, 2014). São intervenções que, para além da análise e da transformação das situações, se tornaram espaços de formação dos indivíduos, permitindo a coconstrução de conhecimentos novos sobre a situação e sobre si mesmo. É através desses espaços reflexivos que Lacomblez et al. (2014) defendem a formação de atores *na e pela* análise do trabalho, *para e pela* ação, tornando ação e formação elementos indissociáveis. Para esses autores, o objetivo da intervenção ergonômica seria sobretudo “o da descoberta e da apropriação de um encaminhamento pelos participantes, em benefício destes, e não unicamente o de uma contribuição ao progresso de uma disciplina científica”.
- 12 Sob essa perspectiva, associar espaços de reflexão e discussão à análise do trabalho é não só desejável como necessário nas intervenções ergonômicas e tem se mostrado uma consequência da evolução da própria disciplina. A inexistência desses espaços em alguns projetos, como parecem defender Lima et al. (2020), é que pode trazer desequilíbrios para a intervenção, tanto para a ação ergonômica, quanto para o desenvolvimento e formação dos indivíduos participantes.

### 3. Contradições e insuficiência de dados no caso apresentado

- 13 Buscando sobrepujar a carência na sistematização da atividade apresentada pelas Ciências do Trabalho, Lima et al. (2020) defendem o desenvolvimento metodológico proposto pela TCA para a transformação de situações complexas, trazendo um estudo de caso para ilustrar essa discussão.
- 14 Alguns elementos do método apresentado pelos autores parecem contraditórios, a começar pela crítica prévia feita ao uso de imagens nos EDT’s. Apesar de acreditarem que imagens limitam as análises, os autores mostram, no próprio caso, que as “descrições da atividade em termos de curso da ação foram feitas a partir de registros em vídeos e fotos para apoiar as entrevistas em autoconfrontação” (p. 12). Ora, se uma imagem “evidentemente restringe as análises ao que pode ser percebido diretamente e fotografado” (p. 3), isso provavelmente é ainda mais verdadeiro quando são os próprios analistas que captam e selecionam as imagens – como parece ser o caso em Lima et al. (2020) – do que quando são os trabalhadores que o fazem, como nos EDT’s.

- 15 O método aplicado por Lima et al. (2020) também parece contraditório em relação à utilização da TCA e de sua referência de análise, o signo tetrádico. A partir do caso apresentado, os autores buscam mostrar a eficácia da TCA em situações complexas, “mesmo sem recorrer ao sistema conceitual em seu conjunto e sem desenvolver modelos do curso da ação detalhados” (p. 2). Seguem afirmando que o caso “explícita, sobretudo, os representamens que fazem parte dos julgamentos tácitos no interior dos processos decisórios” (p. 11). Os autores, portanto, decidem privilegiar a análise dos representamens sobre outros elementos do signo tetrádico, como a instância de referencial e os abertos.
- 16 Mas seria possível preferir a TCA em relação a outras abordagens das Ciências do Trabalho, sem recorrer ao sistema conceitual em seu conjunto? Ou, ainda, não seria contraditório mostrar que o objetivo central da TCA é “oferecer descrições suficientemente detalhadas da atividade” (p. 8), mas apresentar um caso “sem desenvolver modelos do curso da ação detalhados” (p. 2)?
- 17 No livro “O Curso da Ação: Método Elementar”, organizado por Francisco Lima e Rodrigo Ribeiro, Theureau (2014, p. 178) afirma que o “curso da ação consiste em um encadeamento de signos tetrádicos”, defendendo a dinamicidade e a inseparabilidade dos componentes deste signo durante as análises. Para ele, tais componentes são dinâmicos – pois estabelecem uma relação e um aspecto temporal entre si – e inseparáveis – não sendo possível analisar um deles em detrimento dos outros. É nesse sentido que o autor caracteriza um signo como um “nó borromeano”, ou seja, como uma “corrente tal que, se se cortar qualquer um de seus anéis, tudo se desata” (p. 198).
- 18 Dessa forma, defender que o caso discutido por Lima et al. (2020) mostra “não apenas a pertinência da teoria do curso da ação no projeto de novas situações de trabalho, mas também que uma praxeologia empírica que descreva a dinâmica da atividade é necessária” (p. 4) não parece correto. Sem partir de uma análise completa do signo tetrádico, não parece possível verificar uma “formalização mais rigorosa da atividade real”, como defendido pelos autores. Assim, da forma em que é mostrada, a análise realizada no estudo de caso parece se assemelhar mais com métodos oriundos da Sociologia do Conhecimento Científico relacionados à avaliação da capacidade de julgamento do(s) indivíduo(s) – como desenvolvido por Ribeiro (2013) – do que como um exemplo concreto de aplicação do método da Teoria do Curso da Ação.
- 19 Por fim, outros elementos metodológicos, bem como as transformações teoricamente geradas pelo estudo de caso, são insuficientes e reforçam a pouca contribuição apresentada pelos autores. Desconhecemos quantas e quais situações foram analisadas, quais foram selecionadas, quais os critérios da seleção das imagens pelos pesquisadores, número de entrevistas, tempo da pesquisa, tempo em campo, etc. A defesa acerca das transformações supostamente geradas – como os Modelos Analíticos que auxiliaram “a elaboração e refinamento da Matriz de Responsabilidades para cada atividade” e permitiriam “refinar a automação já realizada e guiar futuros projetos” (p. 26), ou mesmo a planilha de âncoras que “levou a sugestões de melhorias no sistema automatizado” (p. 29) – aparecem de maneira fortuita no texto e não vêm acompanhadas de elementos que demonstrem, mesmo parcialmente, a materialidade dessas mudanças. Os autores, assim, defendem um sistema “apropriável” sem de fato demonstrar a sua apropriação.

## 4. Considerações finais : o desafio e a necessidade de avanço permanecem

- 20 Pesquisas provenientes das abordagens das Ciências do Trabalho, ou fora delas, têm buscado analisar a atividade e transformar situações dos mais variados graus de complexidade, sem que necessariamente a metodologia da TCA tenha sido mobilizada ou uma formalização mais rigorosa da atividade tenha sido elaborada. Além da pesquisa de Rocha (2014), sobre os modelos de gestão da segurança em uma indústria de energia elétrica, há outros exemplos abaixo, a começar por pesquisas desenvolvidas pelos próprios autores do artigo analisado neste texto.
- 21 No campo da Sociologia do Conhecimento Científico, Ribeiro (2013), baseado em um método de identificação e gestão do conhecimento tácito dos trabalhadores de uma indústria da mineração, mostra os impactos positivos da pesquisa na prevenção de acidentes, na produtividade e no desenvolvimento sustentável de projetos em áreas remotas. Já no campo da Ergonomia, La Guardia e Lima (2019) mostram uma pesquisa na indústria da eletricidade que analisa a atividade de eletricitistas e apura controvérsias acerca da redução de equipes operacionais. Se baseando na AET, os autores afirmam que tais controvérsias podem ser debatidas “em nível superior”, que “a cooperação e a confiança mostraram ser centrais na gestão da complexidade” e que “o trabalho em dupla é tecnicamente possível de forma abstrata, mas pouco provável nas situações concretas” (p. 19). Embora tais pesquisas retratem contribuições importantes em situações complexas, nenhuma delas traz a TCA como abordagem metodológica.
- 22 Ainda no perímetro da Ergonomia da Atividade, desde os anos 1960 são desenvolvidos diferentes estudos buscando tratar a complexidade, a partir sobretudo de observações do trabalho e entrevistas com os trabalhadores, associados, em maior ou menor grau, a momentos e espaços de discussão sobre o trabalho. A equipe de Faverge, por exemplo, mostra pesquisas em diferentes ramos industriais tratando do tema, como a siderurgia (Delahaut, 1966). Tal tradição não deixou de evoluir (De Keyser, 1988) e, a partir dos anos 1990, encontramos diversos outros estudos, alguns deles citados a seguir. Baril (1999) discute o impacto da automatização de salas de controle de refinarias na transformação da atividade, enquanto Moricot (2000) refletia acerca do papel do corpo na automatização da aviação civil. Em 2004, Cegarra realizou um estudo de atividades de planejamento cognitivo e a relação com a expertise dos operadores para propor recomendações para o projeto de interfaces. Em 2007, nesse caso utilizando a teoria da atividade de Engeström (1999), Bjørkli et al. desenvolvem um projeto em tripulações de lanchas da Marinha Real Norueguesa, produzindo um protótipo de controle automatizado. Em 2011, Cuvelier e Caroly caracterizam o impacto da automatização de um centro de triagem e distribuição dos correios sobre a atividade dos trabalhadores. Em 2015, Lecoester realiza um projeto de automatização de um setor produtivo de uma empresa siderúrgica, negociando o tamanho das equipes de acordo com a organização do trabalho. Em 2018, Monéger et al. propõem um projeto industrial de concepção de navettes de transporte autônomos. Novamente, nenhuma dessas pesquisas se serviu da TCA, embora tenham apresentado contribuições significativas sobre situações complexas.
- 23 Paralelamente a isso, poucas são as pesquisas no campo da TCA que parecem de fato dar conta da complexidade, incluindo formalização mais robusta da atividade. Tentativas como a de Lima et al. (2020) não parecem lograr êxito, seja porque apresentam dados

contraditórios e insuficientes, seja porque não aplicam a TCA em seu conjunto. A grande maioria dos artigos dos dossiês sobre o programa de pesquisa do Curso da Ação, das revistas *Activités* e *Laboreal*, não tratam de situações de trabalho complexas. O dossiê “IA, robótica, automatização : quais evoluções para a atividade humana ?” (“IA, robotique, automatisation : quelles évolutions pour l’activité humaine ?”), da revista *Activités*, em 2020, que poderia ter sido um espaço importante para a TCA, tem apenas 1 artigo (Haué et al., 2020) com essa abordagem, dos 12 textos apresentados.

- 24 Com isso, o retrocesso em teorias e metodologias de análise da atividade, apontado por Lima et al. (2020), permanece. Os autores defendem que as abordagens das Ciências do Trabalho “acabam limitando a contribuição dos analistas do trabalho na solução de problemas mais complexos, que exigem análises que possam apreender a dinâmica da atividade real em situações concretas” (p. 3). Contudo, talvez a questão principal não esteja exatamente aí, pelo menos num primeiro momento, já que há muitas pesquisas, especificamente no campo da Ergonomia da Atividade, mas também das demais Ciências do Trabalho, tratando da complexidade com algum sucesso em termos de transformações provocadas pelo analista ou de análises que apreendam a atividade real. A questão principal, talvez, esteja primeiro em compreender até onde a análise da atividade é capaz de ir em cada uma das abordagens das Ciências do Trabalho e na TCA. Já que existem muitos casos de abordagem da complexidade pelas Ciências do Trabalho relatados na literatura, aprofundar a reflexão sobre eles, compreendendo a análise da atividade por eles desenvolvida, poderia ajudar no entendimento das suas contribuições e limites. Ao mesmo tempo, desenvolver e apresentar mais casos que tratem a complexidade pela TCA poderia igualmente contribuir com a reflexão sobre as possibilidades de avanço em direção a uma formalização mais rigorosa da atividade. Mas essas fronteiras não são claras, embora Lima et al. (2020) façam parecer o contrário. O desafio é grande e continua posto : qual o limite da análise da atividade nas Ciências do Trabalho ?

---

## BIBLIOGRAFÍA

Baril, R. (1999). Les transformations du travail des opérateurs de raffinerie de pétrole : le passage des cadrans aux écrans. *Perspectives interdisciplinaires sur le travail et la santé*, 1(1), 1-14. <https://doi.org/10.4000/pistes.3843>

Bjørkli, C., A., Røed, B. K., Bjelland, H. V., Gould, K., & Hoff, T. (2007). Activity theory as a supportive framework in design of navigation equipment. *Activités*, 4(1), 179-187. <https://doi.org/10.4000/activites.1484>

Cegarra, J. (2004). La gestion de la complexité dans la planification : le cas de l’ordonnancement. [Thèse de doctorat en Psychologie ergonomique, Université Paris 8].

Cuvelier, L., & Caroly, S. (2011). Transformation du travail, transformation du métier : quels impacts sur la santé des opérateurs et sur l’activité collective ? *Perspectives interdisciplinaires sur le travail et la santé*, 13(1), 1-24. <https://doi.org/10.4000/pistes.1732>



- De Keyser, V. (1988). De la contingence à la complexité : L'évolution des idées dans l'étude des processus continus. *Le Travail Humain*, 51, 1-18. <https://www.jstor.org/stable/40657479>
- Delahaut, J. (1966). Le phénomène de régulation au niveau de l'entreprise. In J. M. Faverge (Ed), *L'ergonomie des processus industriels* (pp. 61-82). Editions de l'Institut de Sociologie, Université de Bruxelles.
- Duarte, S., & Vasconcelos, R. (2014). Análise da atividade, participação e sustentabilidade da ação transformadora : reflexões a partir do Projeto Matriosca. *Laboreal*, 10(1). 1-20. 10.4000/laboreal.5205
- Engeström, Y. (1999). Activity theory and individual and social transformation. In Y. Engeström, R. Miettinen, & R.-L. Punamäki (Eds.), *Perspectives on Activity Theory* (pp. 19-38). Cambridge University Press.
- Faverge, J.M. (1966). L'analyse du travail en termes de régulation. In J.M. Faverge (Ed), *L'ergonomie des processus industriels* (pp. 33-60). Editions de l'Institut de Sociologie, Université de Bruxelles.
- Haué, J.-B, Le Bellu, S., & Barbier, C. (2020). Le véhicule autonome : se désengager et se réengager dans la conduite. *Activités*, 17(1), 1-25. <https://doi.org/10.4000/activites.4987>
- La Guardia, M., & Lima, F. (2019). Cooperação e relações de confiança : a construção da segurança e da saúde no trabalho de alto risco. *Laboreal*, 15(1), 1-23. <https://doi.org/10.4000/laboreal.1331>
- Lacomblez, M., Teiger, C., & Vasconcelos, R. (2014). A ergonomia e o "paradigma da formação dos atores" : uma parceria formadora com os protagonistas do trabalho. In L. Soboll & P. Bendassolli (Eds), *Métodos de pesquisa e intervenção em psicologia do trabalho : clínicas do trabalho* (capítulo 7, pp. 159-183). Ed. Atlas.
- Laville A., Teiger C., & Duraffourg J. (1972). *Conséquences du travail répétitif sur la santé des travailleurs et les accidents* (rapport n° 39). Laboratoire d'Ergonomie et Neurophysiologie du Travail du CNAM.
- Lecoester, A. (2015). *De l'analyse de l'activité à la conception organisationnelle négociée : le cas d'un projet industriel*. [Thèse de Doctorat en Ergonomie, Université Charles de Gaulle Lille 3].
- Lima, F., P., A., Ribeiro, R., La-Guardia, M., & Nagem, S. (2020). Análise do Curso de Ação e do Projeto Antropocêntrico : contribuições para a concepção de sistemas automatizados. *Laboreal*, 16(2), 1-37. <https://doi.org/10.4000/laboreal.16668>
- Monéger, F., Coutarel, F., Moták, L., Chambres, P., Izaute, M., & Dhome, M. (2018). L'expérience vécue et les valeurs en acte des accompagnants pour la conception d'un service de transport par navettes destinées à être autonome. *Activités*, 15(1), 1-34. <https://doi.org/10.4000/activites.3077>
- Moricot, C. (2000). L'engagement du corps : un enjeu dans le pilotage en ligne d'un avion à cockpit de verre (glass-cockpit). *Perspectives interdisciplinaires sur le travail et la santé*, 2(1), 1-14. <https://doi.org/10.4000/pistes.3835>
- Ribeiro, R. (2013) Tacit Knowledge Management. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, 12, 337-366. <http://dx.doi.org/10.1007/s11097-011-9251-x>
- Rocha, R. (2014). *Du silence organisationnel au débat structuré sur le travail : les effets sur la sécurité et sur l'organisation*. [Thèse de Doctorat, Universidade de Bordeaux].
- Rocha, R. (2015). Do Silêncio organizacional aos espaços de debate sobre o trabalho. In F. Lima, L. Rabelo, & M. Castro (Eds), *Conectando Saberes* (pp. 111-140). Fabrefactum.
- Rocha, R. (2023). O debate nas Ciências do Trabalho : do que estamos falando ? *Saúde e Sociedade*, 32(2), 1-13. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902023210766pt>

Silva, C. (2006). Sobre a Psicologia Ergonómica de Jacques Leplat. *Laboreal*, 2(2), 1-28. <https://doi.org/10.4000/laboreal.13298>

Theureau, J. (2014). *O Curso da Ação. Método Elementar*. Fabrefactum.

Theureau, J. (2020). Contribution d'Alain Wisner aux recherches sur les cours d'action – Discussions d'orientation scientifique et technique en attente de conclusion. In T. H. Benckroun & A. Weill-Fassina (Eds.), *Combats du travail réel – des legs d'Alain Wisner* (pp. 101-111). Édition Octarès.

Vasconcelos, R. (2013). Savoir faire, pouvoir dire et prévenir : de l'individuel au collectif. In C. Teiger, & M. Lacomblez (Coord.), *(Se) Former pour transformer le travail : Dynamiques de constructions d'une analyse critique du travail*. Les Presses de l'Université Laval.

## RESÚMENES

Este artículo parte de la crítica realizada por Lima, Ribeiro, La Guardia y Nagem (2020) sobre la carencia de desarrollo de una teoría de la actividad en los enfoques de las Ciencias del Trabajo. A partir de una revisión no exhaustiva de las aportaciones e insuficiencias del citado artículo, el objetivo del presente texto es estimular el debate científico con el fin de avanzar en la reflexión sobre los límites del análisis de la actividad en estos enfoques. Aunque la crítica de Lima et al. (2020) posee legitimidad, es necesario construirla mejor, ya que los autores parecen generalizar erróneamente la forma en que se desarrolla el debate en cada uno de estos enfoques, descuidando sus aportaciones. Además, el estudio de caso expuesto por los autores parece insuficiente y contradictorio con el argumento desarrollado, ya que no aplica plenamente el método defendido y no consigue demostrar las transformaciones generadas.

Este artigo parte da crítica feita por Lima, Ribeiro, La Guardia e Nagem (2020) sobre a carência no desenvolvimento de uma teoria da atividade nas abordagens das Ciências do Trabalho. A partir de uma revisão não exaustiva das contribuições e insuficiências do referido artigo, o objetivo do presente texto é estimular o debate científico a fim de avançar na reflexão sobre os limites da análise da atividade nessas abordagens. Embora a crítica feita por Lima et al. (2020) possua legitimidade, ela necessita ser melhor construída, já que os autores parecem equivocadamente generalizar a maneira como o debate se desenvolve em cada dessas abordagens, negligenciando as contribuições trazidas por ele. Além disso, o estudo de caso mostrado pelos autores parece insuficiente e contraditório com a argumentação desenvolvida, uma vez que não aplica integralmente o método defendido e não consegue demonstrar as transformações geradas.

Cet article a comme point de départ la critique avancée par Lima, Ribeiro, La Guardia et Nagem (2020) concernant l'absence de développement d'une théorie de l'activité dans les approches des sciences du travail. Une révision non exhaustive des apports et des lacunes de cet article permet d'avancer dans ce débat scientifique et de stimuler la réflexion en la matière. Bien que la critique formulée par Lima et al. (2020) soit légitime, elle gagne à être mieux étayée, car les auteurs tendent à généraliser, sans précisions, la façon dont le débat se développe dans les approches citées, en négligeant des aspects de leurs contributions. De plus, l'étude de cas présentée par les auteurs semble contradictoire avec l'argument qu'ils développent, puisqu'elle n'applique pas pleinement la méthode préconisée et ne parvient pas à démontrer les transformations générées.

This article addresses the criticism made by Lima, Ribeiro, La Guardia and Nagem (2020) about the scarce development of a theory of the activity within the approaches of Work Sciences. Based on a non-comprehensive revision of the contributions and insufficiencies of the referred article,

the purpose of this text is to encourage scientific debate to make progress in the reflection about the limits of activity analysis in those approaches. Although the criticism made by Lima et al. (2020) is legitim, its construction has flaws, as the authors seem to mistakenly generalize the way the debate is held in each approach, hence neglecting the contributions it brings. In addition, the case study shown by the authors seems insufficient and it contradicts the arguments they develop, because the method they defend is not fully applied, nor are the generated transformations properly demonstrated.

## ÍNDICE

**Mots-clés:** analyse de l'activité, lieux de discussion, sciences du travail, complexité, automation

**Palavras-chave:** análise da atividade, espaços de discussão, ciências do trabalho, complexidade, automação.

**Keywords:** activity analysis, discussion forums, work sciences, complexity, automation

**Palabras claves:** análisis de la actividad, espacios de discusión, ciencias del trabajo, complejidad, automatización.

## AUTOR

**RAONI ROCHA**

<https://orcid.org/0000-0003-1181-0132>

Universidade Federal do Ouro Preto. Departamento de Engenharia de Produção, Administração e Economia. Campus Universitário Morro do Cruzeiro. Bauxita. Ouro Preto, MG, Brasil. CEP 35400-000. raoni@ufop.edu.br